
Ética Jornalística Nas Notícias De Suicídio: É Preciso Informar Para Prevenir¹

Aldo Cezar Vilhena da Silva JÚNIOR²
Diogo Silva Miranda de MIRANDA³
Faculdade Estácio do Pará, Belém, PA

RESUMO

Para a Organização Mundial da Saúde (2000), os meios de comunicação podem ter papel ativo no combate ao suicídio, entretanto o tema não tem conseguido grande espaço na imprensa devido ao tabu acerca do assunto. Pretende-se, com este estudo, por meio da metodologia cartográfica, de consultas bibliográficas e auxílio de entrevistas, compreender de quais formas as notícias de suicídio são veiculadas por profissionais do jornalismo através de variados meios de comunicação, visando que a sua função deveria ser promover o encontro de quem tem a informação com quem a consome. Pode-se entender que a factualidade acabou distante das pautas e matérias jornalísticas, e mesmo se tratando da questão de saúde pública, o suicídio só vira notícia quando a vítima ou o caso tem grande relevância.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo, mídia, suicídio, responsabilidade social, cartografia.

INTRODUÇÃO

O termo “suicídio” foi averbado pela primeira vez em 1651, na Inglaterra, conforme o *Oxford English Dictionary*, que se refere à prática intencional de matar a si mesmo (ALVAREZ, 2002, p. 68). Contudo, em 1775, o conceito não chegou a ser listado no *Johnson's Dictionary*, por conta do preconceito e da dificuldade da igreja em aceitar o ato de tirar a própria vida (ALVAREZ, 2002, p. 69).

O suicídio fica a margem do interesse jornalístico por ser uma ação individual e particular. O jornalismo trata de fenômenos da sociedade agindo como um construtor do imaginário coletivo. Sendo assim, o ato suicida é caracterizado como um tema de interesse social, porém, baseando-se na ética jornalística, o assunto acaba sendo considerado tabu em linhas editoriais de jornais e parte da mídia.

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém-graduado no curso de jornalismo da Estácio FAP, email: aldovilhena jr@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Jornalista (Facom/UFPA). Mestre em Ciências da Comunicação (PPGCom/UFPA). Doutorando em Linguística (PPGL/UFPA). Docente da Estácio FAP, email: diogo.miranda@estacio.br.

Há uma convenção extra-oficial como uma espécie de trato entre profissionais do jornalismo, na qual determina que suicídios não sejam noticiados pela grande imprensa. Até meados da década de 80 os jornais não veiculavam notícias sobre suicídio, partindo do pensamento de que as mesmas poderiam incitar comportamentos suicidas a quem já os têm. Esse é um tabu que entrou em questão em 1774, após a publicação do livro “Os Sofrimentos do Jovem Werther”, do famoso escritor Johann W. Von Goethe. A obra apresenta cartas de um jovem apaixonado que, impossibilitado de relacionar-se com a mulher amada, decide dar fim à própria vida. Logo após o lançamento dessa obra, muitos jovens europeus que viviam circunstâncias similares às do que o autor descrevia, cometeram suicídio da mesma forma que o personagem do livro. Há evidências que comprovam a influência da obra de Goethe sobre a morte desses jovens, fazendo esse fenômeno ser conhecido como “Efeito Werther”.

Contudo, nosso enfoque aqui é, diante do papel do jornalista e da sua ética na prática como profissional da comunicação, entrar nas seguintes questões: “quais acontecimentos são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (WOLF, 2001, p. 195). E: por que casos de assassinatos e homicídios com requintes de crueldades são publicados e noticiados, e uma prática “menos” violenta, como o suicídio, provoque polêmica e ao mesmo tempo silêncio?

Nesse sentido, apesar de imaginarmos que as ações suicidas ocorrem no campo da individualidade, não se pode deixar de ter em vista que há sempre uma realidade social a retratar. O MS (Ministério da Saúde) informou o aumento das taxas de mortalidade por pessoas que encerram a sua própria vida, fazendo com que o suicídio seja a causa de quase um milhão de óbitos por ano. E, de acordo com dados da OMS (Organização Mundial da Saúde), o índice de mortes por quem comete suicídio aumentou em 60% nos últimos 45 anos, se tornando a 2ª maior causa de mortes entre jovens no mundo.

Portanto, mesmo diante da inexistência de notícias que incentivem ou configurem um efeito contágio e do silêncio acerca do assunto entre os profissionais da mídia e da ausência de debates sobre o tema dentro das redações jornalísticas, logo se entende que falar e informar sobre o suicídio acaba se tornando significativo e necessário, para que assim o preconceito sobre essa questão não exista em nenhuma circunstância.

Assim sendo, este estudo tem como finalidade fazer algumas análises sobre o ato de divulgação de notícias de casos de suicídio como um mecanismo de apelo para a

mídia quanto à maneira de noticiar a morte, visando que se as mesmas fossem divulgadas de maneira correta, poderiam ajudar na prevenção dos públicos vulneráveis aos atos suicidas. Dessa forma, este estudo se faz de extrema importância para os profissionais da área da comunicação, pois a análise baseia-se na Constituição Federal Brasileira, no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, na Lei de Imprensa e manuais de orientação para mídia na condição de cobertura jornalística ao noticiar o suicídio, controvertendo o papel dos meios de comunicação em relação aos acontecimentos suicidas, que tem sido de perpetuar um tabu.

Sociedade, Comunicação e Jornalismo

Em linhas gerais, define-se a mídia como qualquer suporte de difusão de informação que constitua simultaneamente um meio de expressão e um intermediário capaz de transmitir uma mensagem a um grupo, sendo um importante meio de propagação de notícias e comunicação em massa.

A comunicação é vista como a troca de informações entre um transmissor e um receptor, e a inferência do significado entre os indivíduos envolvidos. Ela tem alterado profundamente a dinâmica das relações entre as pessoas, porque tem permitido, graças à tecnologia, a multiplicação quase ilimitada de contato entre os indivíduos, ultrapassando barreiras tanto culturais quanto de distância e vencendo resistências sociais. Para John Thompson (1998, p.12), “o desenvolvimento dos meios de comunicação – desde as mais remotas formas de impressão até os mais recentes tipos de comunicação eletrônica – foi uma parte integral do surgimento das sociedades modernas”. Dessa forma, compreende-se que o uso dos meios de comunicação implica na criação de novas formas de ação e de interação e novos tipos de relações sociais.

O mesmo autor ressalta ainda que a relação entre o espaço e o tempo também sofrem mudanças, devido à possibilidade de distanciamento. Isso significa que a informação não é mais limitada como antigamente, pois qualquer evento ou notícias podem ser gravados e exibidos para quem está longe de determinado lugar em que os fatos acontecem. Devido a isso, nesse universo de intermináveis conteúdos, não seria um exagero propor que uma das vertentes mais importantes do sistema midiático é exatamente o jornalismo. Muito embora as demais produções – ficcionais ou não – tenham um determinado grau de alcance na vida em sociedade, o jornalismo ainda mantém sua relevância social dentro desse sistema, pois:

Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de ‘estórias. ‘Estórias’ da vida, ‘estórias’ das estrelas, ‘estórias’ de triunfo e tragédia (...). A democracia não pode ser imaginada como sendo um sistema de governo sem liberdade e o papel central do jornalismo, na teoria democrática, é de informar o público sem censura (TRAQUINA, 2004, p. 21).

A profissionalização do campo jornalístico levou à criação de cursos superiores e à pesquisa acadêmica, que estabeleceu padrões para apuração e o processamento das informações, o que resultou na forma atual do jornalismo e a uma prática intrinsecamente ligada à organização do cotidiano.

Ética Jornalística E Os Seus Desafios

Toda a sociedade possui o direito de se manter informada quanto às questões que envolvem o seu cotidiano, e é obrigação de jornalistas e meios de comunicação propiciar-lhes isso. Independentemente do valor mercadológico que os veículos de comunicação passaram a ter (devido ao capitalismo, a notícia passou a ser tida como uma mercadoria) é dever moral e ético dos jornalistas driblarem os interesses dos seus proprietários e de sua linha editorial, buscando sempre a divulgação das notícias de interesse social e coletivo.

A carreira de jornalista, tão importante para a formação da opinião social e para os questionamentos das situações do cotidiano, exige um documento regulamentador que garanta a estes profissionais a manutenção de seus direitos e o cumprimento dos seus respectivos deveres. A mídia se apoia na Constituição Federal e no código da ética jornalística e utiliza-os para justificar suas práticas.

Um dos argumentos principais é o direito à livre expressão, independente de censura, e a garantia de acesso à informação, previstos respectivamente nos incisos IX e XIV do Art. 5º da Constituição Federal (BRASIL, 1988). Mas a CF garante ainda, em seu artigo 220, também a obrigação social da prestação de informações por todas as instituições cujas atividades produzam efeitos na sociedade, sejam elas públicas ou privadas (BRASIL, 1988). Tudo isso é reforçado ao longo da história do país, quando olhamos, por exemplo, no próprio Código de Ética do Jornalista Brasileiro (1987), que é anterior a CF, e que trata a questão como um direito do cidadão de ter acesso às informações de interesse público. E, além disso, também é possível encontrar essa percepção no artigo 1º do capítulo I da antiga Lei da Imprensa (1967), que garante a

liberdade de manifestação do pensamento e a procura, o recebimento e a difusão de informações ou ideias, por qualquer meio, e sem dependência de censura.

Contudo, se por um lado as notícias não devem ser extravagantes, por outro, há sensacionalismo. O que visa facilitar a apuração da notícia por parte do profissional, dando direito ao acesso à informação por todo e qualquer cidadão sem sofrer qualquer restrição, independente da forma, processo ou veículo, também prevê punição nos termos da Lei, para os excessos e abusos cometidos. E à vista disso, depreende-se que tratar sobre o suicídio nas redações jornalísticas, se refere muito além de seguir padrões editoriais, mas trata-se também de cumprir uma questão ética quanto profissional da comunicação. Mas é fundamental o trato do fato para fazer-se o bom uso da comunicação.

Suicídio E Noticiabilidade

A mídia exerce uma função relevante na sociedade atual, ao possibilitar o acesso à informação por meio de vários meios de comunicação. Devido a esta grande influência, os meios de divulgação de informação podem também ter um papel atuante como forma de alerta a assuntos que precisam de visibilidade, principalmente quando dados mostram a ausência de devidas informações para a sociedade. Com isso, há uma grande necessidade de contrapor a dificuldade de noticiar casos de suicídio, que se é entendida primordialmente de aprofundamento que a prática muitas vezes não permite.

Em *O Suicídio*, livro publicado em 1987, o sociólogo francês Émile Durkheim afirma que o ato suicida seria “todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima, e que ela sabia que produziria esse resultado” (2003, p. 14). Ele também já abordava o suicídio como uma manifestação individual de um fenômeno coletivo, onde cada sociedade está predisposta a fornecer um contingente determinado de mortes voluntárias, apontando a possível relação entre noticiar suicídios e estimular novos casos. De acordo com o pesquisador, só há imitação se existir um modelo que possa ser imitado: sem uma fonte, não há contágio.

Acerca disso, a Organização Mundial da Saúde, lançou o documento “Prevenção do Suicídio: um manual para profissionais da mídia”. Ele foi preparado como parte do SUPRE⁴, com intuito de enfatizar o impacto que a cobertura midiática pode ter nos

⁴ O SUPRE (*Suicide Prevention Program*) é um programa de prevenção ao suicídio que faz parte da Organização Mundial da Saúde, onde reúne estatísticas de casos suicidas e também publica conselhos para as organizações de mídia seguirem a fim de evitar suicídios copiados.

acontecimentos suicidas, de sugerir como abordar o suicídio tanto em circunstâncias gerais quanto específicas e apontar as armadilhas a serem evitadas nas coberturas desses casos. O manual de redação da OMS diz que a notícia sobre o suicídio não deve servir de exemplo para que as pessoas consigam resolver seus problemas pessoais. A Organização também utiliza outras recomendações em seu Manual para Profissionais da Mídia, como: tratar com mais cuidado casos envolvendo celebridades, pois são referências para o público; a minimização dos relatos descritivos do ato de suicídio; evitar a publicação do fato como destaques ou manchetes. Entretanto, mesmo diante das observações da OMS, manuais de redação das mídias seguem seus próprios critérios de noticiabilidade quanto ao tema.

O ato suicida pode reunir diversos desses critérios, de acordo com a classificação da professora Thais de Mendonça Jorge (2006). Mas, apesar de se encaixar em tantos valores-notícia, nem sempre os casos de suicídio são publicados pela imprensa. Para uns, “a maioria dos jornais considera que o suicídio diz respeito à esfera privada e só deve ser divulgado quando guardar relação de assuntos com interesse público” (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 127). Para outros, “é razoável supor que o procedimento recalcado da imprensa frente ao suicídio reflita o mal-estar de toda a sociedade diante da morte voluntária” (DAPIEVE, 2009, p. 169).

A respeito a essa discussão, no ano de 2017, o Ministério da Saúde trouxe em uma das suas cartilhas o tema “Suicídio. Saber, agir e prevenir”. Ela também tem o objetivo de orientar jornalistas na divulgação e abordagem sobre o suicídio. O material traz sugestões sobre a cobertura deste tipo de morte, complementando o manual que a Organização Mundial da Saúde criou, pois segundo o MS, deve-se ficar atento a essas informações ao escrever uma matéria relacionada ao suicídio, visto que a comunicação correta pode ajudar a salvar vidas e evitar o sofrimento de muitas famílias.

Um programa que também é fundamental para o debate desse assunto é o CVV (Centro de Valorização da Vida), uma associação civil sem fins lucrativos, filantrópica, reconhecida como de Utilidade Pública Federal em 1973, mantenedora e responsável pelo programa de Valorização da Vida e Prevenção do Suicídio. O CVV possui postos espalhados em diversas cidades do país, onde prestam serviços voluntários e gratuitos de apoio emocional, oferecidos a todos através das redes sociais e do número 188. E, nesse sentido, a instituição se fez presente nas pautas de discussões do setembro amarelo, que

é o mês dedicado internacionalmente à prevenção do suicídio, destacando o papel da mídia ao noticiar o ato de tirar a própria vida.

O CVV criou a campanha “Falar é a melhor solução”, onde explica que a primeira razão desse tema é a quebra de tabus e o enfrentamento do problema. “A sociedade em geral precisa reconhecer sinais, diferenciar mitos e verdades, ouvir profissionais e ter acesso a formas de apoio”, afirma Luíza (2017), uma das voluntárias do CVV Belém.

Como parte das atividades do ano de 2017, o Centro de Valorização da Vida também promoveu um grande debate sobre a abordagem responsável do suicídio nos meios de comunicação. O presidente Robert Paris (2017) defende a necessidade de se quebrar o tabu de que falar sobre suicídio na mídia agrava o problema ou mesmo estimula. Dessa forma, o CVV avalia que abordar de uma maneira apropriada, acurada e cuidadosa é a melhor opção.

Diante de tudo, entende-se que é necessário compreender como especialistas, jornalistas e referenciais bibliográficos orientam a prática jornalística, a partir da dúvida de que a imprensa deve ou não noticiar casos de suicídio. Também faz-se necessário questionar se os profissionais são capazes de delimitar o que é interesse público e o que deve ser restrito ao domínio privado.

Escolhas Metodológicas Para Narrar Experiências

Devido a abordagem do suicídio ser algo bastante afastado da grande imprensa, tornou-se difícil recortar este tema para um estudo científico, principalmente pela falta de conteúdo jornalístico sobre o assunto a ser discutido, não possuindo materiais específicos suficientes para serem analisados, especialmente na cidade de Belém e no estado do Pará.

Assim, foi escolhida a cartografia como metodologia para que este estudo não fosse limitado à análise de apenas um único meio de comunicação, tendo em vista que na escolha dessa perspectiva metodológica, o interesse é o que extrapola fronteiras e o que transborda as delimitações. Busca-se pensar e sentir o processo, sendo o pesquisador o agente que se coloca como pesquisa juntamente com seu objeto. Dessa forma, a cartografia nos permitiu por meio da nossa realidade, do nosso cotidiano e das nossas experiências, observar e compreender um objeto tão impreciso, nos permitindo também uma aproximação ainda maior do assunto a ser estudado.

Para que se possa compreender melhor a metodologia cartográfica, deve-se ter conhecimento do conceito de cartografia que teve sua origem na geografia, onde se

trabalhava com territórios e suas representações. Atualmente, o que os autores fazem, é trazê-lo para outros campos de conhecimento. Segundo Costa (2014, p. 69-70) “o que os filósofos querem é pensar a realidade mediante a outros dispositivos que não os apresentados tradicionalmente pelos discursos científicos, valorizando o que se passa nos intervalos, entendendo-os como potencialmente formados e criadores de realidade”.

Para Martín-Barbero (2004), o método cartográfico tem como meta a realização – no limite – de uma espécie de “mapa noturno” que seja provocativo, que não perca de vista a sua aplicação política, ou seja, que esteja comprometido com os problemas enfrentados no contexto no qual o pesquisador está inserido.

Um mapa para indagar a dominação, a produção e o trabalho, mas a partir do outro lado: o das brechas, o do prazer. Um mapa não para a fuga, mas para o reconhecimento da situação desde as mediações e os sujeitos, para mudar o lugar a partir do qual se formulam as perguntas, para assumir as margens não como tema, mas como enzima. Porque os tempos não estão para síntese, e são muitas as zonas da realidade cotidiana que estão ainda por explorar, zonas em cuja exploração não podemos avançar senão apalpando (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 18).

A cartografia não possui um único método de utilização, não apresenta uma forma fechada. Cada pesquisador encontra-se nela e com ela. Assim é necessário inventar as suas próprias regras na medida em que faz associações em sua pesquisa, passando a fazer parte dela. Pesquisador e pesquisa, compondo um todo, que não é fechado. Em suma, entende-se que a metodologia cartográfica visa acompanhar processos mais do que representar estado de coisas, assim como busca intervir na realidade mais do que interpretá-la.

Além disso, o trabalho ainda necessitou do uso da técnica de entrevista, pois para Marconi e Lakatos (1992, p. 107) “a entrevista é uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica e proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária”. Muito além da técnica de perguntas e respostas, a entrevista requer, como na cartografia, a arte do encontro. Não necessariamente físico, mas sim do encontro das ideias, das opiniões, das falas. Com isso, a entrevista possibilitou que a cartografia acontecesse de forma mais profunda e verdadeira, considerando que tudo foi baseado em experiências da vida de cada pessoa, sendo descrita através de relatos e de opiniões.

Dessa forma, a falta de conteúdos acerca do tema a ser discutido, foi provida pelas informações oferecidas por cada entrevistado, dando mais suporte e mais dados para este trabalho, a partir daquilo que cada um sabe, crer, espera, sente ou deseja e,

principalmente, o que faz ou fez diante de um assunto tão velado, pois entende-se que para narrar alguma experiência, é necessário, sobretudo, vivê-la.

O Suicídio Através De Olhares

Decidir falar sobre suicídio se tornou um desafio enorme, pois o assunto nunca tomou uma proporção tão grande nos meios de comunicação. Então, dessa forma, dispusemo-nos a pensar como iríamos abordar esse tema. Apesar da leitura de obras de diversos autores que falavam sobre suicídio e mídia, análise de matérias e reportagens, conversas com algumas pessoas, pouquíssimas informações foram adquiridas. Foi a partir dessa lacuna que resolvemos fazer desse problema, a base de estudo. Afinal, isso precisa ser discutido, haja vista que as taxas de suicídio só aumentam e se a sociedade não for informada, não haverá prevenção.

Estar inserido neste espaço comunicacional se fez necessário para a compreensão da formação deste cenário. Isso possibilitou perceber as mudanças que vêm ocorrendo nos meios de comunicação, da construção das notícias (analisando tudo o que é informado por meio da mídia), do papel do jornalista diante de assuntos tão importantes, quanto da compreensão das pessoas que são receptoras de informação.

Sabemos que falar sobre a morte não é algo tão agradável para as pessoas, pois o assunto acaba causando sofrimento, principalmente naqueles que já perderam seus entes queridos. Falar, conseqüentemente, como esse fato se deu, se torna uma questão ainda maior, sobretudo quando a causa da morte se trata de suicídio, pois o ato por si só, já carrega consigo um grande preconceito e até mesmo o sentimento de vergonha. E, para ter o entendimento de tudo isso, foi necessário nos inserirmos em um meio que vivenciasse, de fato, aquilo que buscávamos compreender.

Diante da percepção em relação à mídia acerca desse tema e também baseado na prática de jornalistas que atuam na área, achamos que seria necessário um *feedback* com profissionais do jornalismo para que relatassem sobre a divulgação das notícias de suicídio pelos veículos em que trabalham. O intuito era saber até onde tentaram, de alguma forma, colocar o suicídio como pauta, para que assim entendêssemos quando esse assunto vira notícia e para conhecermos, de forma mais aprofundada, o exercício da ética do jornalista na sua função de noticiar e divulgar informações de interesse coletivo como também de grande relevância para a sociedade. E, além disso, ter uma percepção de como

o público filtra isso, haja vista que falar sobre suicídio é um tabu em diversos âmbitos sociais.

Partindo dessa perspectiva, ao conversar com familiares e amigos de pessoas que já se suicidaram, tornou-se notório o impacto psicológico e social entre os que sofreram a perda. A família e os amigos do suicida acabam sentindo constrangimento e talvez isso seja um dos maiores fatores dos casos de suicídios não serem noticiados. Até mesmo por uma decisão dos próprios entes ao optarem por manter o caso numa esfera privada.

Outro motivo que também foi muito mencionado foi a crença religiosa. A religião, mediante a história, teve uma participação importante na formação das representações e atitudes frente ao suicídio, pois Santo Agostinho (1996), no livro I da sua obra “Cidade de Deus”, determinou esse ato como um pecado imperdoável perante as leis de Deus, fazendo com que essa forma de morte, fosse ainda mais discriminada. Outro fator muito citado é o julgamento da sociedade acerca do ocorrido, pois o fato é exposto a todos. Os problemas, que antes restritos ao lar, se tornam públicos.

Além dessas respostas que foram buscadas para os questionamentos acerca da atuação dos profissionais da comunicação, resolvemos, como já foi citado, ouvir e compreender pontos de vistas de jornalistas que estão dia-a-dia presentes nas redações de diferentes mídias, como TV, internet e impresso. Partindo desse princípio, foram entrevistados quatro jornalistas de diferentes veículos para relatarem se existe, de fato, essa discussão sobre as notícias de suicídio e ouvir o que eles acham a respeito dessa questão: Adriano Baracho (repórter do SBT, em Parauapebas-PA); Íbis Felipe (repórter do SBT, em Altamira-PA); Enderson Oliveira (coordenador do Portal Diário Online, em Belém-PA); e Victor Furtado (redator do jornal impresso O Liberal, em Belém-PA).

Ao pedir para falar sobre esse assunto, Adriano Baracho (2018) mostrou-se bastante entusiasmado por estar tendo a oportunidade de abordar esse tema, pois para ele “precisamos nos mobilizar. Levar informação com conteúdo e qualidade sobre esse problema é o mínimo que se pode fazer”. Ele ainda ressaltou que se deve sim noticiar casos de suicídio, visando que o mesmo é uma problemática que assola uma sociedade inteira.

O suicídio é um grave problema de saúde pública no mundo inteiro e como jornalista que atua diariamente com todos os tipos de notícias, entendo que há sim uma grande necessidade de quebrar esse tabu na abordagem de casos de suicídio. O suicídio pode e deve ser encarado com a mesma seriedade nas redações. Não há como deixar passar e simplesmente ir pra estatística (BARACHO, 2018).

Ao ser questionado se o ato suicida também se torna discussão além da área da saúde e se a comunicação social tem um papel de grande relevância a esse assunto, ele acredita que o jornalista acaba se fazendo de suma importância para ajudar na prevenção do suicídio, pois alertar e discutir temas torna-se papel do profissional da comunicação.

Em conversa com Íbis Felipe (2018), procuramos saber quando o suicídio vira notícia, para que dessa forma fosse possível compreender quais critérios de noticiabilidade esse assunto precisa ter para que chegue até as redações jornalísticas, haja vista que, como já foi citado, nem sempre as editorias partem desse princípio, pois cada uma segue sua própria linha editorial. Para ele, deve haver sim restrições ao noticiar o suicídio, pois acredita que os meios de comunicação não sabem lidar e nem informar de forma correta esse assunto à sociedade.

Ao falar sobre esse questionamento e a visibilidade desse tema nas mídias, ele acredita que esse assunto deve ser discutido, mas de forma correta, acreditando que o suicídio pode ser evitado e tudo isso com ajuda, informação correta e esclarecimento. Para ele, “o tabu acaba gerando mais desinformação. Muitos veículos não noticiam pelo fato de não quererem ‘incentivar’ a prática, mas existe uma forma de abordar o assunto de forma coesa, séria, esclarecida e não apenas comercial e sensacionalista”.

Ao entrarmos na discussão sobre notícias de homicídio e notícias de suicídio, busquei questioná-lo sobre a questão de muitos jornalistas acharem que notícias de suicídio podem ser um incentivo aos públicos vulneráveis, visando responder e compreender o questionamento do porque esse aspecto não se aplica as notícias de homicídio. Felipe crê que casos de homicídios acabam virando pauta pelo fato comercial, onde a grande massa consome a editoria policial, se tornando a mais vendida.

Comentando sobre o importante papel da mídia e sobre o poder da comunicação, em conversa com Enderson Oliveira (2018), ele ressaltou que a comunicação, de modo positivo ou não, em geral tem o poder de influenciar (o que não significa determinar) o comportamento social. Para ele “é claro em um período em que se fala tanto de *fake news* e pós-verdade, parecer haver uma desconfiança e mesmo descrédito geral em relação ao interlocutor (muitas vezes vista como oponente) só porque se discorda ou se questiona algo”.

Ao ser questionado sobre a existência desse tipo de discussão em relação às notícias de suicídio serem ou não noticiadas pelos meios de comunicação, na redação que

ele atua, Enderson falou que “houve somente o período em que o principal responsável pela redação estava no comando e autorizava - até mesmo exigia que publicássemos - matérias sobre suicídios, quando ocorriam na cidade”.

Tendo conhecimento do assunto, em entrevista, Victor Furtado (2018) contou que sofre de transtorno bipolar, uma doença psicológica que já lhe fez pensar em suicídio várias vezes, mas que nunca tentou. Ele também relatou que na época que trabalhou numa editoria policial, o tabu sobre as notícias de suicídio estava numa transição entre a ampliação de rede de informações acerca de saúde mental em nível mundial, e que ao encarar o desafio de trabalho, chegou a se perguntar: “o que eu faço?”.

Nesses casos, ele crê que as mídias, antes de tudo, precisam falar de saúde mental, já que é uma das principais causas do suicídio. “Cada conteúdo deve desfazer a ideia errônea de que doença mental é loucura e que o paciente precisa ser excluído da sociedade ou tratado diferente”. Ele ainda salientou que “parte da desinformação se deve a não se falar sobre o assunto. Se não estamos falando o suficiente, estamos colaborando com esse estado de desinformação e preconceito presente em outras mídias que não o jornalismo”.

Victor também comentou que na redação onde ele atua, existe essa discussão acerca das notícias de suicídio, mas não de forma permanente. “Temos colegas aqui no jornal que também estão tratando doenças mentais. Mas eles não chegam a discutir o suficiente, possivelmente pelos preconceitos que Ele sofrem”. disse que o assunto só é abordado quando acontece algum caso e quase sempre a discussão é: “vamos falar ou é melhor não?”. De acordo com o seu pensamento:

A maioria das pessoas segue a regra informal de não falar e assim acaba não se fazendo nada. Nada mesmo. O medo de errar ou de dar uma abordagem inadequada é muito maior. E isso porque a gente não se informa o bastante. Porque ninguém está falando e esse ciclo parece que não tem fim (FURTADO, 2018).

Após essas considerações, ele ainda ressaltou que já fez algumas matérias de suicídio e outras não diretamente de suicídio, como no caso do período que estava ocorrendo os crimes organizados e sádicos da baleia azul. À época, o jornal deu destaque, não cortou texto e respeitou todos os pontos de vista retratados na matéria que ele escreveu. Ele também afirmou que esse é o caminho que irá seguir se necessitar falar do assunto novamente; com cuidado, calma, atenção e informação.

Diante a tudo o que foi apresentado, essas são as perspectivas de vários jornalistas de diversas mídias e diferenciados meios de comunicação. Apesar de possuírem alguns

pensamentos divergentes, todos entendem a importância de falar e, principalmente, noticiar o suicídio através da mídia, sem exageros e sensacionalismo, mas com informações realmente relevantes, para que dessa forma possam ajudar na prevenção e levar informação clara e correta àqueles que precisam de ajuda. E para que isso aconteça de fato, a ética jornalística e o respeito aos direitos humanos, devem sempre estar acima de qualquer outro fato. Assim, pode-se compreender que o profissional do jornalismo não tem unicamente a função de levar informação à sociedade, mas também de promover a discussão e a reflexão de determinados assuntos.

Considerações Finais

Quando foi decidido fazer este artigo, o foco do trabalho seria diferente, pois era visado falar sobre o suicídio de uma forma mais distante, pensando assim em analisar conteúdos ou fazer algum estudo de caso, porém não havíamos como realizar isso com a escassez de materiais que nos foram apresentados e também com os que foram encontrados durante as pesquisas que foram efetuadas.

Ao escolher a cartografia como metodologia e junto disso trazer vivências e experiências, vimos que seria necessário abordar questões mais reais do que apenas um olhar superficial dessa discussão que, de alguma forma, pode prevenir perdas trágicas de vidas.

Na pesquisa apresentada, tendo como base entrevistas com repórteres e editores de jornais de diversos meios de comunicação do estado do Pará e outros agentes que, de algum modo, pudessem auxiliar no entendimento do suicídio como notícia, se torna evidente que a falta de orientação em relação ao assunto, é resquício do tabu que a sociedade ainda se depara ao tratar do tema da morte voluntária, raro em discussões. E, apesar de toda essa problemática, foi possível notar que diversas organizações vêm tentando ressaltar a importância da discussão do suicídio, assim como os próprios profissionais da comunicação. Acreditamos que o trabalho efetuado a partir desse mapeamento de notícias e análise da cobertura jornalística, contribui no estudo de recepção do público, além de explorar outros aspectos do ato suicida, colaborando com a abertura de novas pesquisas correspondente ao tema.

Nesse sentido, pretendemos com a realização deste artigo, ajudar aqueles que necessitam de informação e entendimento acerca do que estão enfrentando. Também visamos estimular o debate sobre um assunto que tem estado ausente das redações e, de

certa forma, da sociedade em geral. As taxas de suicídios aumentam a cada ano e as mídias, ainda assim, não tem dado um espaço significativo para essa questão. Acredita-se que, muito além de discutir sobre o risco de contágio, o jornalista precisa agregar valor ao material que produz, gerando informação de serviço e utilidade pública. O profissional de comunicação precisa auxiliar na orientação da sociedade, seja mostrando alternativas ao ato suicida ou reeducando a convivência de familiares e amigos, se tornando parte do papel social que o jornalista deve desempenhar com quem ele se comunica.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus** - vol. 1. Serviço de educação fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

ALVAREZ, Alfred. **The savage God a study of suicide**. Londres: Bloomsbury, 2002.

BARACHO, Adriano. **Entrevista concedida à pesquisa**. Parauapebas - PA, 2018.

BARBERO-Martín, Jesus. **Ofício de cartógrafo - travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BHAZ. **Afinal, imprensa deve ou não noticiar os casos de suicídio? Eis a questão**. Disponível em: <https://bhaz.com.br/2017/09/23/imprensa-noticiar-casos-suicidio/>. Acesso em 05 de mar. 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 20 de set. 2018.

BRASIL, Lei de Imprensa. **Capítulo I - da liberdade de manifestação do pensamento e da informação**. Brasília, 1967. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70324/660693.pdf?sequence=2>. Acesso em: 23 de out. 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Suicídio**. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/suicidio>. Acesso em: 03 de out. 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Suicídio: saber, agir e prevenir**. 2017. Disponível em: <http://portalquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/folheto-jornalistas.pdf>. Acesso em: 18 de set. 2018.

COSTA, Luciano B. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar**. Revista Digital do LAV - Santa Maria: vol. 7, n.2. mai./ago.2014.

CVV. **Centro de valorização a vida**. Disponível em: <https://www.cvv.org.br/>. Acesso em: 28 de jun. 2018.

DAPIEVE, Arthur. **Morreu na contramão - O suicídio como notícia**. Rio de Janeiro: Zabar, 2009.

DURKHEIM, Émile. **Le suicide**. Paris: PUF, 1986.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Vitória, 04 de ago. 2007. Disponível em: http://fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em 20 de set. 2018.

FELIPE, Íbis. **Entrevista concedida à pesquisa**. Altamira - PA, 2018.

FURTADO, Victor. **Entrevista concedida à pesquisa**. Belém - PA, 2018.

GOETHE, Johann Wolfgang, Von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: L&PM, 2001.

JORGE, Thais de Mendonça. **A notícia e os valores-notícia. O papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa**. In: UNIrevista- vol. 1, nº 3. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_jorge.pdf. Acesso em 20 de mar. 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1992.

MORNING SHOW. **“Não pode dar espaço exagerado na mídia”, diz Nunes sobre suicídio | Morning Show**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FUmM7KW2xM8>. Acesso em 20 de abr. 2018.

OLIVEIRA, Enderson. **Entrevista concedida à pesquisa**. Belém - PA, 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, OMS - **Folha informativa - suicídio**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839. Acesso em: 03 de out. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, OMS. **Prevenção do suicídio: Um manual para profissionais da mídia**. 2000. Disponível em: http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf. Acesso em 05 de mar. 2018.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência - Tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

THE LANCET. **Goethe's Wherter and is effects**. 2014. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366\(14\)70229-9/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366(14)70229-9/fulltext). Acesso em 03 de out. 2018.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** - vol. 1, 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.